

DA PELEJA DO DEMO CONTRA A POESIA

e de como ele perdeu feio



Cansado de ser assunto
Na boca de cantador,
O Capeta, em pessoa,
Veio mostrar seu valor.
Imaginou que podia
Se meter com poesia,
Entrar e sair sem dor.

Poesia era uma moça
De aparência inocente
Com seios irresistíveis
E língua incandescente.
Mentia com tanta fé
Que dentro de si até
Cria ela piamente.

Mas mentir era pro Cão
Sua especialidade;

Se o negócio era inventar
Ou faltar com a verdade,
Nada havia neste mundo,
Nem pra riba nem pro fundo,
Frente à sua enormidade.

Foi pensando desse jeito,
Nos tufos de grande vate,
Que aportou em Nova Grécia,
A cidade do combate.
Poesia ali morava,
Um sítio de gente brava,
Onde verso era arremate.

Dos cantores do lugar,
Era Homero o mais falado,
Pois, sozinho, numa feira,
Derrotou foi um bocado.
O Demo sabia disso,
Que o tal tinha um feitiço
Pra não deixar ser dobrado.

A mágica de Homero,
Que todo poeta usa,
É cantar com sentimento,
Pensando sempre na Musa.
Essa nova personagem,
Que surge assim de passagem,
É coisa um pouco confusa.

É a mãe de Poesia
Mas mãe de um jeito engraçado:
Nunca aparece na hora
Que o pai tá mais precisado;
Só quer transar no banheiro

Ou debaixo do chuveiro
Quando nada é registrado.

Mas voltemos pra história
Que o Demônio tá arisco,
Já pegou dez violeiros
E enfiou um obelisco.
Bateu tanto em Juvenal,
O pobre ficou tão mal
Que a sobra virou petisco.

E assim muitos outros foram
Na lábia do Satanás,
Perdendo pro Mentiroso
Que, nisto, é mais capaz.
Foi gente perdendo a alma,
Foi santo perdendo a calma,
Donzela levando atrás.

A vez de Homero chegou
E bem que ele resistiu,
Mas o Grande Malcheiroso
Armara bem o fuzil:
Disse que Musa morrera
E desse nariz-de-cera
Uma história construiu.

O poeta apavorado,
Achando-se só no mundo
Acreditou na lorota
E perdeu pro Vagabundo.
“Vitória! Vitória minha!”
era o grito do Fuinha
“Não há lugar pra segundo!”

Até que veio a menina,
Filha da Musa já citada,
Chamar o Cão para a briga
E rimar trama inventada.
Veio em socorro de Homero,
Amor secreto e sincero,
Que jazia numa estrada.

Nunca pôde confessar
Seu amor pelo poeta
Pois sabia que a mãe
Já o tinha na seleta.
Restava o gosto platão,
Tratá-lo como um irmão,
Olhá-lo como um atleta.

O Chifrudo já contente
Com o tanto arrecadado,
Não queria alma nova
De brotinho não-provado.
E disse: “vai-te menina,
Segue, busca tua sina,
Melhora teu reboldado!”

“Quero cantar”, disse a jovem,
“Em troca das almas todas;
A matéria lhe interessa:
Vou falar das minhas Bodas.
Desejo-te um bom terno,
Suportarei o inferno,
Querendo que tu me fudas”

O Demônio, curioso,
Resolveu entrar no jogo:
Pedi que ela provasse
Que havia estado no fogo.

Qualquer resposta que desse,
Fosse praga, fosse prece,
Ganharia o Demagogo.

Poesia abriu a blusa,
Descreveu-lhe o coração;
Disse a ele que ardia
Na mais horrível paixão.
Seu marido, seu amor
Era de fato o senhor
Com quem pelejava então.

Sem poder negar ser lindo
Ou ainda irresistível,
O Cramunhão se quedou
Ao argumento plausível:
“Talvez o casório não,
Mas eu vi o coração!
— Quente, pulsante, sensível”

Porém era fingimento;
Era Homero seu amor.
E o Demônio, como bobo,
Embarcou naquele andor.
Quando afinal entendeu,
O combate ele perdeu
E o ar de professor.

Voltou lá pras profundezas
Derrotado outra vez,
Com a mente torturada
Pela cena de nudez:
“Como pode alguém mentir
sobre os pregos do faquir
cravados fundo na tez?”

José Mucinho